

LYCEU PARAHYBANO

*Berço da Cultura
e do Formalismo*



Josélio Carneiro
(ORGANIZADOR)

LYCEU PARAIBANO

Berço da Cultura e do Jornalismo



Josélio Carneiro
Organizador

João Pessoa/PB
2019

Ficha Técnica

Pesquisa e projeto editorial

Jornalista Josélio Carneiro de Araújo / JCA Edições

Apresentação

Márcia de Figueiredo Lucena Lira

Produção Gráfica

EPC - A UNIÃO

Revisão

Jornalista Cleane Costa

Supervisão Gráfica

Jacinto Júnior

Capa e diagramação

Naudimilson Ricarte

Tiragem – 200 exemplares

Foto da capa

João Francisco / Secom-PB

Fotografias

Acervo do Lyceu, João Francisco, Kleide Teixeira, Roberto Guedes,
acervo Josélio Carneiro e acervo de Zezita Matos

Apoio Cultural

Associação Paraibana de Imprensa / API – Presidente João Pinto

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO BIBLIOTECÁRIA JOSÉLIA OLIVEIRA - CRB15/113

L982 Lyceu Parahybano : berço da cultura e do jornalismo / Josélio Carneiro
 (Organizador). - João Pessoa : Editora EPC, 2019.
 78 p.

ISBN 978-85-922930-3-1
Inclui bibliografia.

1. Padrões jornalísticos. 2. Influência cultural e educacional. 3. Liceu
Paraibano - Personalidades. I. Carneiro, Josélio. II. Título.

CDU 070.11

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - MÁRCIA LUCENA.....	05
A ESCOLA SÍMBOLO DE MUITAS GERAÇÕES.....	07
CELSO FURTADO – O MAIS IMPORTANTE PARAIBANO DE TODOS OS TEMPOS	10
FILME QUEIMADO NO FARDAMENTO DO LYCEU - MARTINHO MOREIRA FRANCO..	13
AUGUSTO DOS ANJOS – ALUNO E PROFESSOR.....	19
O JORNALISTA, ESCRITOR E POETA ASCENDINO LETTE.....	22
LAURO PIRES XAVIER.....	25
FLÁVIO TAVARES, ALUNO NOS ANOS 1960	26
HUMBERTO LUCENA – DO LYCEU À PRESIDÊNCIA DO CONGRESSO NACIONAL.....	27
TALENTO FEMININO NA COMUNIDADE LYCEANA	29
ZEZITA MATOS, OPERÁRIA DO TEATRO	30
ALAÍDE CHIANCHA, PROFESSORA E VICE-DIRETORA.....	32
FOI UM TEMPO DE DESCOBERTAS - ELBA RAMALHO	34
UMA HISTÓRIA DE VÁRIAS GERAÇÕES - MARIA ÂNGELA SITÔNIO WANDERLEY	35
BREVE MEMÓRIA DO LICEU - BIU RAMOS.....	36
O LICEU PARAIBANO NO TÚNEL DO TEMPO (1951/57) - JOSÉ OCTÁVIO DE	
ARRUDA MELLO.....	39
SAUDOSOS MESTRES DO LICEU - CARLOS PEREIRA DE CARVALHO.....	45
A LUZ DA MUDANÇA - WALTER SANTOS.....	47
LYCEU CONQUISTA FAMÍLIAS ESTRANGEIRAS.....	49
ALGUNS LYCEANOS QUE SE TORNARAM GOVERNADORES DA PARAÍBA	50
LYCEU PARAIBANO: O BERÇO DA CULTURA, DO JORNALISMO E DA	
INTELECTUALIDADE NA PARAÍBA	52
NA ADMINISTRAÇÃO DO LYCEU E DO ESTADO	55
SOLON BARBOSA DE LUCENA.....	55
ÁLVARO DE CARVALHO.....	55
OUTROS LYCEANOS NO GOVERNO DA PARAÍBA	56
OUTROS ALUNOS.....	56

A ORIGEM DO LYCEU PARAIBANO.....	58
VISITA DO IMPERADOR DOM PEDRO II E DO POETA GONÇALVES DIAS.....	59
O LYCEU CONQUISTA OS EXAMES PREPARATÓRIOS.....	59
AS MESMAS VANTAGENS DO GYMNASIO NACIONAL	60
TÍTULO DE BACHAREL EM SCIENCIAS E LETRAS E DIREITO À MATRÍCULA EM CURSO SUPERIOR	61
CORPO DOCENTE LYCEU E DISCIPLINAS EM 1898.....	62
EM AMBIENTE DO LYCEU NASCE O IHGP.....	63
LYCEU – CONTEMPORÂNEO DA IMPRENSA PARAIBANA.....	63
A REVISTA LYCEUM	64
UMA ESCOLA REFERÊNCIA	65
MENSAGENS DE PRESIDENTES SOBRE O LYCEU PARAIBANO.....	67
OS GRÊMIOS ESTUDANTIS.....	68
OS 100 ANOS DO LYCEU PARAIBANO.....	68
REVISTAS.....	69
O SERVIÇO MILITAR NO LYCEU	69
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	0

APRESENTAÇÃO

O livro **Lyceu Parahybano: berço da Cultura e do Jornalismo** contém valiosas informações que interessam a todos os que desejam conhecer a história dos primórdios anos de funcionamento da escola, criada durante a Monarquia, que se secularizou carregando uma grande estima e relevante simbologia para a educação, cultura e jornalismo da Paraíba.

Poucas escolas na Província do Norte, da qual a Paraíba fazia parte, foram bem avaliadas e se igualaram em organização curricular, padrão intelectual e boas relações humanas quanto o Liceu Paraibano. É tanto que pessoas dos Estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará, interessadas em cursar o ginásio de sete anos, vinham estudar e aqueles que concluíam o curso geralmente eram aprovados nos exames de ingresso na Universidade de Pernambuco. O Liceu se tornou um símbolo de educação qualificada na Paraíba.

Apresentando-se propedêutica, laica, pública e de boa qualidade, o Liceu atraiu grandes vultos da sociedade paraibana, fazendo com que estes pagassem professores particulares para darem aulas de preparação ao exame de admissão como meio de garantir o ingresso de seus filhos (as), sobrinhos (as) e netos (as), objetivando alcançar uma promissora carreira educacional e profissional para os mesmos. Essa conceituada escola foi alicerce na formação intelectual de juristas, advogados, médicos, jornalistas, professores, artistas, escritores, políticos e outros profissionais, muitos já citados neste livro juntamente com suas contribuições para o desenvolvimento cultural da Paraíba e do Brasil.

Ainda hoje, o Liceu possui grande prestígio educacional e acirrada disputa por matrícula e é um ponto de visitação de ilustres homens e mulheres que pisam no solo pessoense. Esta reconhecida escola continua fazendo história e registrando a marca das dezenas de gestores, professores, técnicos e dos milhares de estudantes que participam dessa construção.

Convido você, leitor(a) desta obra, a conhecer personalidades que, ao adquirirem saberes e conhecimentos válidos para sua formação humana, moral e profissional, nesta unidade de ensino, souberam ser agentes de transformação no papel que assumiram, obtendo tamanha projeção e reconhecimento social. Não cito nomes, pois já foram citados pelo autor, mas afirmo que é admirável e impressionante observar a carreira de pessoas que galgaram posição nos mais altos postos de comando do país e até internacionalmente, com excelência, competência e ética.

Acredito que este livro nutrirá as gerações mais novas de elementos motivacionais e renovadores na luta por uma educação comprometida com a formação e promoção dos sujeitos sociais que se tornarão os diversos profissionais e governantes do amanhã. É certo que o Liceu Paraibano, de uma escola elitista passou a ser uma escola popular e aberta à participação de todos que a fazem e continua sendo palco de cultura e saberes efervescentes, sem jamais perder a sua singularidade de oferecer o ensino de qualidade, em todos os campos do conhecimento e de garantir a aprendizagem efetiva para todos, com boas condições de funcionamento e exercendo o trabalho coletivo e democrático.

Márcia de Figueiredo Lucena Lira

Secretária de Estado da Educação da Paraíba no período de setembro
de 2012 a janeiro de 2015 – Governo Ricardo Coutinho
Prefeita da cidade de Conde eleita em 2016



A ESCOLA SÍMBOLO DE MUITAS GERAÇÕES

Este trabalho jornalístico objetiva resgatar fragmentos da história do Lyceu Parahybano e de alguma maneira contribuir com o despertar de gerações de jovens que estudaram e dos que estudam hoje na escola-símbolo da rede pública estadual. Despertar para um sentimento de orgulho do colégio que foi berço da cultura, do jornalismo, enfim, da intelectualidade paraibana.

Como disse o professor e escritor José Rafael de Menezes em sua obra “História do Lyceu Parahybano” edições UFPB, 1983, minha principal fonte de pesquisa para esta plaquete, o Lyceu foi matriz intelectual sim, porque em debates, em conversas nos ambientes da escola foram concebidos o centenário Jornal A União e o Instituto

Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), dentre tantas outras ações no âmbito da educação e cultura.

Iniciamos esse livro destacando o ex-aluno Celso Furtado porque entendemos que o paraibano nascido em Pombal, criador da Sudene e cidadão que conquistou o mundo é, indiscutivelmente, o mais importante paraibano de todos os tempos. Um talento que escreveu 40 livros, obras traduzidas para mais de dez idiomas e que teve o seu pensamento de cientista social e político escrito em dezenas de livros. Sua obra é imortal. Furtado com certeza é o mais brilhante ex-aluno do Lyceu Parahybano.

Nossa pesquisa ainda registra muitos alunos que em diferentes épocas também se tornaram personalidades paraibanas, a exemplo do poeta Augusto dos Anjos, que foi aluno e professor, o ambientalista Lauro Pires Xavier, os governadores João Pessoa, João Agripino, Ernani Sátiro, Argemiro de Figueiredo, Antonio Mariz, além dos jornalistas Ascendino Leite, Biu Ramos, o professor e escritor José Octávio de Arruda Mello, a cantora Elba Ramalho, o artista plástico Flávio Tavares, a atriz Zezita Matos, dentre outros paraibanos.

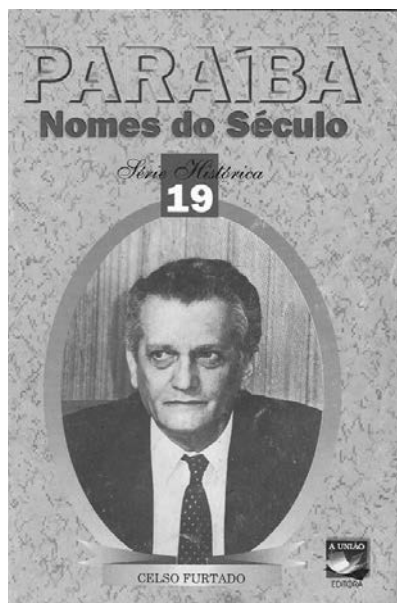
Almejamos que esse modesto trabalho contribua com a descoberta para os atuais e futuros alunos sobre o papel que teve o Lyceu no desenvolvimento da Paraíba. Hoje o contexto é outro, mas a mais antiga escola pública paraibana continua sendo, nesses 183 anos de existência, referência e símbolo para muitas gerações.

Agradeço à secretária de Estado da Educação, Márcia Lucena, (gestão de setembro de 2012 a janeiro de 2015), pelo prefácio. Sou grato à amiga jornalista Cleane Costa, Diretora de Jornalismo da Secom-PB pela revisão dos textos;

a Kleide Teixeira, João Francisco, Ernane Gomes e José Lins Nascimento, a atriz Zezita Matos pelas fotografias, e demais colaboradores. A foto da capa é de João Francisco, fotógrafo da Secom-PB.

Josélio Carneiro de Araújo

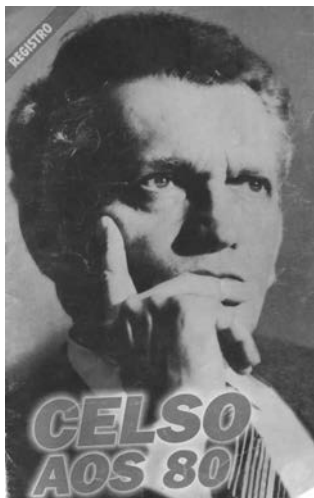
João Pessoa, março de 2019, 183º aniversário do Lyceu.



CELSO FURTADO – O MAIS IMPORTANTE PARAIBANO DE TODOS OS TEMPOS

“No Liceu Paraibano havia um seminário de confrontação de ideias e recorde-me de que fiz uma conferência, citei Max Beer e outros escritores de esquerda. Os integralistas caíram em cima de mim com críticas acerbadas”.

As declarações acima são do economista Celso Furtado, publicadas no ano 2000 na revista *Celso aos 80*, por ocasião do “Seminário Celso Furtado e o Pensamento Latino Americano”. O evento marcou os 80 anos do idealizador da Sudene e foi organizado pelo Governo do Estado, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Sebrae, Sudene, Tribunal



de Contas do Estado e Academia Paraibana de Letras.

Vejamos outro depoimento do mestre Furtado: “O período que vai de 1930 a 1937, quando ingressei no mundo como pessoa pensante, foi extraordinariamente rico no Brasil, porque o país reencontrou-se com seus problemas”.

Sua obra compreende 40 livros, relatórios, teses e trabalhos sobre o Brasil, a América Latina, o Terceiro Mundo e o Desenvolvimento. Já foram publicados dezenas de livros sobre o paraibano que nasceu em Pombal e se tornou cidadão do mundo. Várias de suas obras estão traduzidas para o alemão, chinês, espanhol, italiano, inglês, francês, japonês, persa, polonês, romeno e o idioma sueco.

Nascido aos 26 de julho de 1920, na cidade de Pombal, Sertão paraibano, Celso Furtado iniciou os estudos secundários no Lyceu Parahybano em 1932, aos 12 anos de idade. Foi contemporâneo, nos bancos do Lyceu, do jovem Ascendino Leite. Celso Furtado concluiu os estudos em Recife, no Ginásio Pernambucano, porque naquela época não havia no Lyceu o curso completo.

No Lyceu, o futuro criador da Sudene aprendeu inglês e francês. Na tradicional escola, o adolescente foi um dos líderes do movimento de esquerda. Segundo ele próprio, “líder puramente intelectual porque não tinha qualquer atividade política”. Consideramos ele o mais importante intelectual paraibano, na nossa modesta opinião, o cidadão do mundo é o Paraibano do Século XX.

Quando era prefeito de João Pessoa, Ricardo Coutinho, prestou uma homenagem ao economista Celso Furtado, colocando o nome do paraibano ilustre numa escola construída na sua administração, a Escola Municipal “Celso Furtado”, localizada no conjunto João Paulo II, na região do conjunto Ernesto Geisel.

Celso Furtado faleceu em casa, no Rio de Janeiro, vítima de parada cardíaca, no dia 20 de novembro de 2004. O presidente Lula decretou luto oficial por três dias.

A jornalista Rosa Freire d’Aguiar, viúva do economista, e que é diretora do Centro Internacional Celso Furtado, fez questão de vir à Paraíba agradecer a Ricardo Coutinho pelo gesto. A visita de cortesia ao então governador Ricardo Coutinho foi para agradecê-lo pessoalmente por ser o único político do Brasil, até aquele ano, a fazer uma homenagem ao economista.

“É uma homenagem muito simbólica porque Celso estudou em escola pública a vida inteira aqui na Paraíba e ele era muito grato a ter feito os estudos dele aqui até o Liceu Paraibano”, revelou.

Em 2000, Celso Furtado participou em João Pessoa, no Sebrae, do Seminário ‘Celso Furtado e o Pensamento Latino Americano’. No ano de 2008, o Centro Internacional Celso Furtado e o Governo da Paraíba realizaram na UFPB o Ciclo de Conferência ‘O Pensamento de Celso Furtado e o Nordeste Hoje’.

FILME QUEIMADO NO FARDAMENTO DO LYCEU

Martinho Moreira Franco*

Um dia de semana qualquer, Gonzaga Rodrigues (ele me contou) sentou-se na pracinha em frente ao Liceu para rever um filme. Ocupou o banco de alvenaria que fica ao lado do busto de Getúlio Vargas. Queria uma reprise das cenas que retratara em uma das suas crônicas mais inspiradas: as alunas do colégio estadual, vestidas de azul e branco, como as normalistas do samba-canção de Benedito Lacerda e David Nasser, demandando a avenida rumo à Lagoa (na crônica, havia floração dos ipês, requinte da natureza que Gonzaga sublinhou em amarelo ouro). Coisa pra cinema.

Só que as novas cenas vistas pelo cronista naquele mesmo cenário queimaram o seu filme. Causaram-lhe profunda desilusão. E o frustrado espectador me resumiu todo o seu desencanto, em um protesto indignado: “Moreira, as mocinhas estão indo assistir aula no Liceu de sandália japonesa!”

Ainda bem que não estive na sessão ao ar livre presenciada pelo Neguinho. Minha desilusão teria sido bem mais profunda que o seu desencanto. E a indignação, ainda maior. É que ele estudou no Liceu no turno da noite, quando os alunos não eram obrigados a usar farda. Eu, não. Eu fui aluno do turno da manhã por nove anos (da primeira série Ginásial ao segundo ano Clássico, incluindo as repetências), sempre obrigado ao uso do fardamento (os

tecidos, em meados da década de 1950, eram fornecidos pelo próprio colégio... bons tempos, aqueles!).

Era a época em que os rapazes vestiam túnica modelo militar, de gabardine cáqui, fase a que se seguiu o uniforme de calça cáqui e camisa cinza de algodão, estilo safári. O fardamento de então se completava com sapatos pretos e meias da mesma cor, não sendo permitido o uso de outro tipo de calçado. Exceção feita, acreditem, ao locutor que vos fala: por ter unhas encravadas em crônico processo de inflamação, possuía autorização da diretoria (seguindo recomendação médica, bem entendido) para calçar alpercatas, deixando à mostra os dedos envolvidos por gaze e esparadrapo. Passei quase todo o ginásial assim.

Devo dizer que a excrescência não era vista com bons olhos por professores (sempre bem vestidos, não raro de paletó e gravata) e alunos. Imaginem se fosse autorizado a usar chinelas! Seria impensável. Já no final da minha longa trajetória por aqueles corredores e salas, o Liceu adotou por padrão masculino a camisa branca de algodão e a calça azul de tergal, o mais chique de toda a história do colégio. As moças sempre usaram blusa branca e saia azul, como descrito na cinematográfica crônica de Gonzaga.

Pois bem, toda uma tradição de uniforme colegial bem talhado seria quebrada no Liceu, como de resto na rede de ensino em geral, a partir da introdução da camiseta, da calça jeans e do tênis como farda escolar unissex. O que foi um passo para verdadeiras excrescências, estas, sim, como o uso de sandálias japonesas. Que pena!

*Martinho Moreira Franco é jornalista. Mora em João Pessoa.

CHARLES CHAPLIN, O CINECLUBE DO VELHO LYCEU PARAIBANO

Paulo Melo*

O Cineclube Charles Chaplin foi fundado no início do segundo semestre de 1962, e tornei-me, então cursando no Lyceu Paraibano o 2º ano Clássico, no turno da noite, o seu primeiro presidente. O nome era uma homenagem a um dos primeiros cineclubes do país, o Chaplin-Club, criado por Paulo Sussekind, em 1928, no Rio de Janeiro. A fundação foi precedida de uma ampla divulgação, com a distribuição de folheto explicando o que era um cineclube e seus objetivos e proclamando os estudantes a ele se associarem, o que redundou em mais de 500 filiações.

Abrigado no Diretório, cujo Departamento de Cultura era por mim dirigido e que lhe dava a infraestrutura necessária, pouco a pouco transformou-se em um importante instrumento aglutinador de todo um ambiente cultural em ebulição. A sempre admirável da. Daura esteve presente na sua inauguração, no dia 18 de agosto de 1962, com o filme *As diabólicas* (*Les Diaboliques*, 1955), de Henri-Georges Clouzot, que substituiu *Rififi* (exibido posteriormente), de Jules Dassin, cuja cópia não chegara em tempo. O debate que se seguiu à exibição foi moderado pelo crítico e historiador Wills Leal.

A cidade já tivera outros cineclubes, ligados a associações de classe e entidades religiosas, sendo o principal deles o João Pessoa, fundado em outubro de 1953, que reunia críticos como José Rafael de Menezes, José Ramos, Geraldo Carvalho, Pe. Antônio Fragoso, Wilton Veloso, Linduarte Noronha, Wills Leal, Vladimir Carvalho

e João Ramiro Melo, e chegou a publicar uma revista, *Filmagem*, cuja circulação se limitou a um único número, lançado em junho-julho de 1956. Também ainda não chegara a oportunidade da cidade ter o seu cinema de arte, como já existia em outras capitais, como Recife (inicialmente no São Luís e, depois, no Trianon, aos sábados pela manhã), de forma que o Charles Chaplin concentrava o interesse dos aficionados.

Era na capital pernambucana onde íamos alugar os filmes, todos em 16mm, para cuja projeção contávamos com a valiosa colaboração do Serviço do Cinema Educativo da Secretaria de Educação e Cultura, na pessoa do inestimável João Córdula. Os filmes eram exibidos, pelo menos quinzenalmente, no Auditório do Lyceu, nos sábados à tarde, para os quais afluíam não só as centenas de sócios, como professores e aficionados. Cada sessão tinha três momentos: o que antecedia a exibição, oportunidade em que os assuntos culturais e políticos, estes predominantes, da semana eram discutidos nas rodas que se formavam; depois, o da exibição propriamente dita, e, por fim, o debate que se seguia, muitas vezes tendo um crítico convidado como debatedor. Era uma espécie de extraclasse agradável e estimulante, em que alunos de séries e turnos diferentes (manhã, tarde e noite) tinham uma oportunidade para uma convivência diferente e aberta.

As atividades do Charles Chaplin não se limitavam só à exibição de filmes. No que Ressaltem-se as seguintes: com o apoio da União Paraibana dos Estudantes Secundários (UPES), foi promovido, nos meses de agosto e setembro de 1963, na Escola de Formação de Professoras, um curso intensivo, em 14 aulas, de iniciação ao cinema, ministrado pelo crítico e professor Wills Leal. No jornal mural do Diretório Estudantil do Lyceu, semanalmente era publicada

uma coluna editada pelo Charles Chaplin, com matérias escritas pelos redatores do Borrão de Cinema, entre eles Martinho Moreira Franco e Severino Marcos Tavares. No segundo semestre de 1963 produziu um programa diário de cinema na Rádio Arapuan, intitulado Encontro com o cinema, que, de janeiro a abril de 1964, ficou sob a minha responsabilidade pessoal.

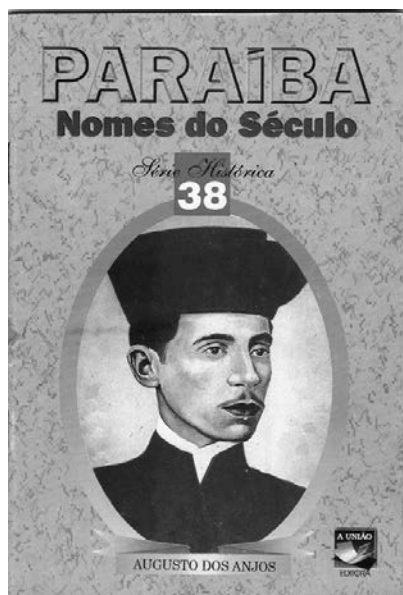
O Charles Chaplin foi também estímulo para muitos outros cineclubes em educandários de João Pessoa, como o Humberto Mauro, criado e dirigido por Anco Márcio na antiga Academia de Comércio, futura Faculdade de Economia da UFPB. Foi inaugurado em junho de 1963 com uma palestra minha sobre a “Importância do Cineclubismo” e com a exibição de Ascensor para o cadafalso (Ascenseur por l’Échafaud, 1957), de Louis Malle.

Outros filmes clássicos foram exibidos no Charles Chaplin: Umberto D (Umberto D, 1951), de Vittorio de Sica; Paisá (Paisá, 1946), de Roberto Rossellini, Os visitantes da noite (Les Visiteurs du Soir, 1942), de Marcel Carné, Brinquedo proibido (Jeux Interdits, 1952), de René Clement, Ascensor para o cadafalso e outros não tão clássicos assim, com O eterno retorno (L’Éternel Retour, 1943), de Jean Dellanoy. Como não poderia deixar de ser, com a euforia nacionalista cada vez mais crescente, o cinema brasileiro foi, em duas oportunidades, objeto de dois ciclos, ambos promovidos com a colaboração da ACCP. O primeiro, em agosto de 1962, com a exibição dos curtas-metragens Congonhas do Campo, 1957, de Humberto Mauro; Fazenda Velha, 1944, de Lima Barreto, e Xaréu, 1952, de Alexandre Robatto Filho. O segundo, em três dias de julho do ano seguinte, quando foram exibidos Sangue mineiro, 1929, e Ganga bruta, 1933, de Humberto Mauro; Caiçara, 1950, de Adolfo Celi; O saci, 1953, de Rodolfo Nanni, além dos

curtas O mestre de Apipucos e O poeta do Castelo, amos de 1959 e de Joaquim Pedro de Andrade, e A primeira chance, 1959, de Roberto Santos. Naquela altura, o Cinema Novo já tinha dado à luz, mas as primeiras fitas do movimento ou ainda não tinham cópias na bitola de 16mm ou não estavam disponíveis nesse formato nas distribuidoras com as quais se trabalhava.

Em janeiro de 1963 foi realizado na capital cearense, sob os auspícios do Clube de Cinema de Fortaleza, o mais antigo da região e dirigido pelo incansável Darcy Costa, o 1º Congresso Norte-Nordeste de Cineclubes, ao cabo do qual foi criada a Federação Norte-Nordeste de Cineclubes, com sede naquela cidade. O Darcy foi eleito seu presidente e eu o seu Superintendente Geral. Em julho daquele ano foi realizada em Porto Alegre a IV Jornada Nacional de Cineclubes, organizada pelo Conselho Nacional de Cineclubes, e a delegação paraibana foi composta por Wills Leal, representando a ACCP, e por mim. O Charles Chaplin já era conhecido nacionalmente.

*PAULO MELO é jornalista, crítico de cinema e cineasta. Mora em Brasília.



AUGUSTO DOS ANJOS, ALUNO E PROFESSOR

O poeta Augusto dos Anjos iniciou os estudos de humanidades no Lyceu Parahybano, em 1900, aos 16 anos de idade. Lá, se tornou amigo de Orris Soares, que, ao lado do irmão Oscar, fundou o jornal O Norte, em 1908. Seus estudos iniciais foram em casa, no Engenho Pau-d'Arco, município de Cruz do Espírito Santo-PB, tendo seu pai, o bacharel Alexandre Rodrigues dos Anjos, como professor. No Lyceu, os mestres ficaram impressionados com os conhecimentos do adolescente, porque, sem ter frequentado a escola regular, sabia mais que os outros colegas.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no dia 20 de abril de 1884. Sua mãe se chamava Córdula Carvalho Rodrigues dos Anjos. Em 1901, publicou seus primeiros poemas no jornal O Comércio, e em A União. Seu ingresso na Faculdade de Direito do Recife ocorreu em 1903. No ano de 1907, já formado em Direito, Augusto dos Anjos dava aulas particulares de Português e isto garantiu sua sobrevivência por vários anos. Nessas aulas privadas foi um mestre-escola, modesto, esforçado.

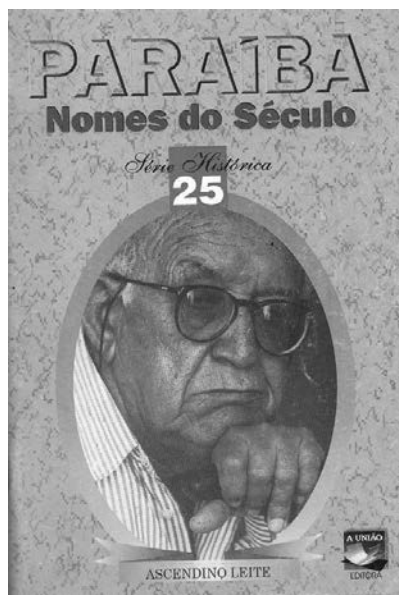
A nomeação para o cargo de professor interino do Lyceu Paraibano se deu em 1908. Lecionou por apenas dois anos. Em 1909, no dia 13 de maio, proferiu conferência sobre o 17º aniversário da Abolição da Escravatura, no Teatro Santa Roza, na presença do presidente da Paraíba, João Lopes Machado. Em 1910, o poeta casou-se com a professora Ester Fialho. O casamento foi na igreja Nossa Senhora da Conceição, ao lado do Palácio do Governo. O casal teve os filhos Glória e Guilherme.

Em agosto de 1910, o poeta pediu ao então governador, João Machado, licença para ir ao Rio de Janeiro, sem perder o emprego de professor. A licença foi negada. Augusto dos Anjos resolveu deixar o Lyceu e muda-se para o Rio de Janeiro. Na então capital federal, ensinou na Escola Normal e em seguida no tradicional Colégio Pedro II. Seu único livro *Eu*, custeado pelo irmão, foi publicado em 1912, com apenas 1.000 exemplares. A obra teve grande impacto na crítica e até hoje é debatida por críticos literários e fonte de pesquisa para estudantes.

No ano de 1914, em Leopoldina, Minas Gerais, Augusto dos Anjos foi nomeado diretor do grupo escolar Ribeiro Junqueira. No dia 12 de novembro daquele ano, morre vítima de pneumonia.

No ano 2000, A União publica a série *Paraíba – Nomes do Século*. O título nº38, escrito pelo jornalista e poeta Linaldo Guedes, foi sobre a vida e obra de Augusto dos Anjos. Em 2001, Augusto dos Anjos foi eleito, em votação popular, o Paraibano do Século. Na atualidade, dezenas de sites na rede mundial de computadores tratam sobre a poesia de nosso poeta maior, que foi aluno e professor do Lyceu.

Fonte: plaquete Paraíba Nomes do Século – Augusto dos Anjos, escrita por Linaldo Guedes, jornalista, poeta e escritor.



O JORNALISTA, ESCRITOR E POETA ASCENDINO LEITE

O jornalista e escritor Ascendino Leite é um dos ilustres ex-alunos do Lyceu. Frequentou a escola nos anos 1930, contemporâneo de Celso Furtado. Paraibano de Conceição, filho de Manuel Cândido Leite e Ana Caçula de Figueiredo Leite. Sua mãe viveu 102 anos. Seu pai, falecido em 1940, foi agente fiscal do Estado, por isso a família morou em diversas cidades paraibanas. Desde criança, Ascendino tinha gosto pela leitura, inclusive lia com frequência a Bíblia e mais tarde A União. O pai percebeu este dom e estimulou o futuro aluno do Lyceu Parahybano.

Aos 11 anos de idade, testemunhou a passagem da Coluna Prestes pela cidade de Piancó. Com 15 anos,

Ascendino foi vítima dos fatos políticos de 1930, liberais versus perrepetistas. Chegou a ser preso por conta de uma briga com outros garotos, na rua. Este fato serviu de inspiração para seu romance *A Prisão*, lançado em 1960, no Rio de Janeiro.

Em Cajazeiras, Ascendino Leite trabalhou numa farmácia e o proprietário também editava um semanário. Nascia aí o jornalista que mais tarde escreveria nos grandes jornais da capital paraibana e do Rio de Janeiro.

O jovem nascido em Conceição passou alguns anos no Brejo, em Bananeiras, sob os cuidados de seu padrinho José Rodrigues Leite, que o preparou para os exames de admissão ao Lyceu. Ingressou na tradicional escola em 1932, mesmo ano do ingresso de Celso Furtado. Ascendino estudou os primeiros anos do curso de humanidades, teve que trabalhar muito cedo. Conseguiu emprego no jornal O Norte e depois trabalhou no vespertino *A Notícia*. No Lyceu, se tornou amigo de seu professor de francês, Samuel Duarte, que mais adiante dirigiu A União e deu emprego de redator ao jovem talentoso.

No jornalismo encontrou espaço para desenvolver suas obras literárias, romances e poesias. Escreveu dentre outros livros: *De Coração para Coração*; *Minha Cidade*; *Estética do Modernismo*; *Diário Íntimo*; *A Viúva Branca*; *O Salto Mortal*; *O Brasileiro*; *A Velha Chama*; *Visões do Cabo Branco*; *Sonho de Uma Semana de Verão*; *Poesia para Dois*; *Jardim Marítimo*; *Visões do Vale*; *Os Juízes*; *O Nariz de Cíntia*; *Por uma Saudade Azul*; *Poesia do Fim Comum*.

A respeito de suas obras o acadêmico Joacil de Britto Pereira destacou no número 25 da série publicada em *A União, Paraíba – Nomes do Século*, depoimentos elogiosos de Miguel Reale, Gilberto Freyre, Jorge Amado, Tristão

de Athayde, Luiz da Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, José Rafael de Menezes, Luiz Augusto Crispim, Samuel Duarte, Hildeberto Barbosa Filho, Antonio Houaiss, dentre outras personalidades.

Em 1936, Ascendino casou-se com Maria Rosa Franca e o casal teve cinco filhos. Maria Rosa faleceu em 1988. Ascendino também teve êxito como tradutor. Traduziu *Armância*, de Stendhal, e *Uma Vida*, de Maupassanti. Foi também diretor de A União. De volta ao Rio, então capital do país, Ascendino Leite foi diretor de redação dos jornais A Manhã, Tribuna da Imprensa, Folha de São Paulo, Diário Carioca e Diário de Notícias. Em 1961, encerrou sua carreira de jornalista, que durou 29 anos. No Rio, conviveu com Carlos Lacerda, Assis Chateaubriand, dentre outros grandes nomes da imprensa. Foi sócio fundador da Associação Paraibana de Imprensa (API). Ascendino faleceu em João Pessoa, no dia 13 de junho de 2010, com 93 anos de idade.

LAURO PIRES XAVIER

O ambientalista Lauro Pires Xavier nascido na cidade de Areia em 1905, e que faleceu em João Pessoa, em 1991, foi aluno do Lyceu Parahybano dos mais notáveis na década de 1920, com conceito excelente.

Formou-se em Agronomia, no Rio de Janeiro, mas tinha conhecimento sobre diversos campos. Lauro Xavier era naturalista, botânico, ecologista, professor emérito, urbanista, técnico de planejamento, pioneiro de agricultura e criação. Ele contribuiu para a defesa do meio ambiente e a preservação da natureza. Esse lyceano produziu uma extensa bibliografia composta por livro e artigos. O ambientalista publicou mais de 300 artigos em jornais e revistas especializadas, todos sobre agricultura, ecologia e educação.

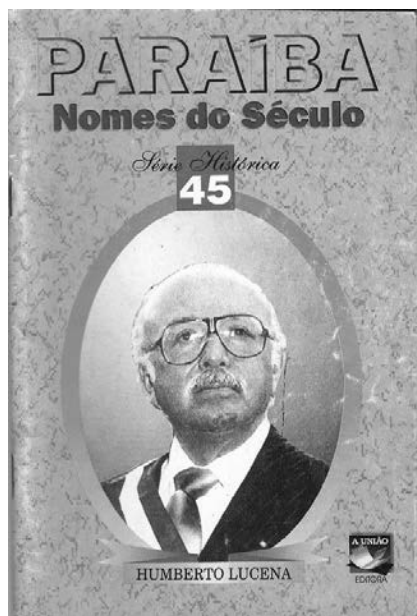
Lauro Pires Xavier foi um dos fundadores da Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (Apan). Ajudou a evitar muitos crimes ambientais, a exemplo da destruição de reservas florestais. Presidiu o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Chefiou o Departamento de Ecologia da Universidade Federal da Paraíba e lecionou Biogeografia e Climatologia, Introdução à Cultura Brasileira de Botânica Aplicada à Farmácia, Química de Extensão à Geografia. No ano de 1972 ingressou na Academia Paraibana de Letras (APL)

FLÁVIO TAVARES, ALUNO NOS ANOS 1960

O artista plástico Flávio Tavares é imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), estudou no Lyceu Parahybano na década de 1960, tendo ingressado no colégio com 13 anos de idade. Foi contemporâneo de Elba Ramalho, apesar de não terem sido colegas de turma. Estudou também com Jarbas Mariz, hoje compositor e cantor paraibano. “O Lyceu foi fundamental na formação de várias gerações, a exemplo de Paulo Melo, Willis Leal, Martinho Moreira Franco, dentre outras pessoas que influenciaram gerações”, relatou.

Flávio destacou que a adolescência é o período da vida que mais lhe marcou e naquela época ele já desenhava, fazia cartazes. Lembrou com saudades da influência também no mundo da literatura e da prática do futebol de salão. “Eu estudei de 1963 a 1965 e o Lyceu era um ponto de encontro com alunos de outros colégios. Lembro que certa vez na Semana da Pátria desenhei um cartaz com um homem descalço levando a bandeira do Brasil, mas no lugar da expressão ‘Ordem e Progresso’ eu desenhei uma foice e um martelo. Então a diretora, dona Daura Santiago Rangel, me suspendeu por rebeldia”, contou.

“Todo mundo brigava para estudar no Lyceu Parahybano, era uma escola contemporânea e foi e é referência, símbolo de muitas gerações”, declarou o artista plástico Flávio Tavares. E chamou a atenção para a arquitetura moderna do Lyceu, que na época já tinha rampas: “Portanto, o prédio não envelheceu. O princípio maior de estética na arte é aquele que fica e o Lyceu ficou, continua atual”. Zé Ramalho não estudou no Lyceu, mas fazia parte da amizade de Flávio. Nessa época Zé Ramalho, que se tornaria um dos mais completos nomes da música brasileira, atuava com a banda Os Quatro Loucos.



HUMBERTO LUCENA – DO LYCEU À PRESIDÊNCIA DO CONGRESSO NACIONAL

Humberto Coutinho de Lucena nasceu aos 22 de abril de 1928, na capital Parahyba e faleceu em São Paulo em 1998. Herdou o dom da política do seu avô paterno Solon Barbosa de Lucena, que governou o Estado por quatro meses, em 1916, e foi governador da Paraíba de 1920 a 1924.

No Lyceu Parahybano, já revelava sua capacidade de liderança e seu talento para a política. De 1946 a 1948, Humberto Lucena, aluno do Lyceu, também foi locutor da Rádio Tabajara. No auge do radiojornalismo, a emissora do Governo era dirigida pelo intelectual Abelardo Jurema.

Humberto pertenceu à geração de 1945, ao lado de Luiz Hugo Guimarães, Celso Furtado, Oduvaldo Batista,

Juarez da Gama Batista, os irmãos Joacil e Joás de Britto Pereira, dentre outros.

O ex-líder estudantil do Lyceu foi deputado estadual por dois mandatos, deputado federal entre 1959 e 1971, além de senador e presidente do Senado Federal e do Congresso por duas vezes. Em 1988, presidiu a reunião da Assembleia Nacional Constituinte que promulgou a atual Constituição brasileira.

Militou na política por quase 50 anos, de 1948 a 1998, ano em que faleceu quando estava no terceiro mandato de senador, que seria concluído em 2002.

TALENTO FEMININO NA COMUNIDADE LYCEANA

As mulheres também marcaram épocas no Lyceu, em tempos mais recentes a partir dos anos 40. Olivina Carneiro da Cunha ensinou português por 50 anos, 30 dos quais no Lyceu. Daura Santiago Rangel, normalista lyceana e depois professora de matemática, nos anos 60 dirigiu simultaneamente o Lyceu e o Instituto de Educação.



Fotos: Arquivo de Zezita Matos.

ZEZITA MATOS, OPERÁRIA DO TEATRO

A talentosa e premiada atriz brasileira, Zezita Matos, paraibana nascida em Pilar, em 28 de agosto de 1942, dá lições de interpretação no teatro, no cinema e na televisão há 60 anos. Na juventude foi aluna do Lyceu Parahybano. Ingressou na mais tradicional escola pública de nosso estado no ano de 1958. “Fiquei no Liceu de 58 até 64 quando estava terminando o antigo “clássico”, isto é, terceiro ano do ensino médio, aliás não concluí por conta do golpe militar, não cheguei a concluir. Como não voltei, tive que fazer depois o chamado “supletivo”, nos revela Zezita. Considerada a Dama do Teatro Paraibano, prefere ser operária do teatro. A atriz gerou três filhos, tem seis netos e dois bisnetos.

Assim que chegou ao Lyceu a jovem Zezita se engajou no Grêmio Estudantil, no Cine Clube e no movimento de política estudantil. Quando começou a fazer teatro também ingressou na Juventude Comunista. Desde 1960 ela viajava para o Recife “onde me encontrava com o grupo do MCP e em 1962 ou 63, fui chamada por D. Daura para reclamar das minhas atividades subversivas, culminando com o golpe quando tive que me esconder e abandonar o Liceu”, lembra a atriz. Dona Daura Santiago Rangel foi professora e diretora na centenária escola, um dos símbolos da educação em nossa terra.

No Lyceu Zezita foi contemporânea de Pedro Adelson (que viria a ser deputado estadual e secretário de Estado). “A minha turma era só de meninas como Janete Montenegro, que é médica, também Rivane Costa e Mariza Bronzeado que foi Misse Paraíba. Tenho uma foto com os colegas que eram do Liceu em 58 e foram comigo para o congresso em Campina Grande”.

Nós marcamos um encontro com Zezita Matos no Lyceu em 5 de setembro de 2017 para uma entrevista. Lá,

ela visitou alguns ambientes da escola, gentilmente atendeu a alunos para fotografias e no arquivo da escola encontrou a ficha da aluna Severina de Souza Pontes. A foto 3x4 é a do fichário da jovem aluna liceana. Ela foi inclusive secretária das Ligas Camponesas aqui. Tem um irmão, Everaldo Pontes, que também atua no teatro e no cinema. Uma irmã é médica, irmão é da Receita Federal e a outra irmã da área de Computação.

Em agosto de 2018 o jornal A União publicou reportagem do jornalista Guilherme Cabral registrando os 76 anos da atriz. Reproduzimos aqui um trecho da matéria: Zezita Matos iniciou sua carreira aos 16 anos de idade. Formada em Letras e Pedagogia, é aposentada do Centro Universitário de João Pessoa, onde ainda continua a desenvolver, naquelas duas áreas acadêmicas, projetos culturais. Na sétima arte, ela integra elencos de vários filmes, a exemplo dos longas-metragens intitulados Cinema, Aspirinas e Urubus (2005), Baixio das Bestas (2007), O Céu de Suely (2006) e A História da Eternidade (2014).

Em fevereiro de 2017, Zezita Matos foi premiada, na categoria de Melhor Atriz, pelo Actors Awards, na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, por sua performance no curta-metragem de ficção intitulado Olhos de Botão (2015), dirigido pelo pernambucano Marlon Meirelles. “É o único prêmio internacional e foi uma surpresa, para mim, pois concorria com outras atrizes. E a minhas concorrentes eram atrizes francesas e americanas. Fiquei feliz, mas as premiações não me envaidecem, pois nunca deixei que isso subisse à cabeça. Os prêmios são, sempre, uma responsabilidade, pois tenho que me superar com o próximo trabalho”, confessou ela, que é a presidente – eleita para o período 2018 a 2020 – da Academia Paraibana de Cinema (APC).

ALAÍDE CHIANCA, OUTRA PRESENÇA FEMININA NO LYCEU

A professora Alaíde Chianca, que ensinou no Lyceu e foi vice-diretora, nos revelou que foi uma época muito importante para ela. Seu período no Lyceu foi no final dos anos 50 e início da década de 60. Iniciou como auxiliar na disciplina de francês. Depois de cinco anos, foi aprovada em concurso e ocupou o cargo de professora como efetiva (diploma de catedrática).

Com a fundação da Universidade Federal da Paraíba, pelo governador José Américo de Almeida, Alaíde ingressou como professora da UFPB. Antes, teve formação no Curso Franco-Brasileiro, no qual estudaram muitos intelectuais. “Veio daí esse amor à França” (por 22 anos esteve à frente da Aliança Francesa). Chegou a ensinar inglês e português no Lyceu, mas por pouco tempo.

Na entrevista que nos concedeu, Alaíde Chianca revelou que o Lyceu se salientava entre as demais unidades de ensino da época. Não existiam cursinhos, mas todos os alunos do Lyceu que iam prestar exames no Recife eram aprovados. A professora Alaíde informou que o senador Otacílio de Albuquerque, que depois do mandato voltou para ensinar no educandário, também passou pelo Lyceu. A escola marcava época na vida de cada um, segundo revelou a educadora.

Alaíde foi vice-diretora do Lyceu no Governo Pedro Gondim e passou sete anos no cargo. Como professora foram 26 anos. Em entrevista para este livro, lembrou alguns nomes de sua época do Lyceu, entre eles Álvaro de

Carvalho, que havia sido interventor da Paraíba e voltou para ensinar; e professor Emanuel de Miranda Henriques (médico e diretor). Recordou também que naquela época ninguém possuía carro. De acordo com Alaíde, no Lyceu havia apenas dois automóveis: o que era usado pela diretora Daura Santiago e ela, além do carro do Dr. Emanuel.

Outro grande mestre lembrado foi Milton Paiva, que deixou o Lyceu para ser diretor da Faculdade de Filosofia. O artista plástico Flávio Tavares, hoje imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), foi aluno de Alaíde. Ela nos mostrou obras dele em seu apartamento na avenida Cabo Branco. Contou que certa vez Flávio Tavares foi chamado à diretoria. Enquanto conversava com Alaíde ele desenhava e apresentou um belo desenho.

Lembrou ainda que Joacil de Brito Pereira, ex-presidente da Academia Paraibana de Letras, foi aluno do Lyceu e já demonstrava o dom da oratória. Geralmente era convidado para representar os alunos como orador da turma. “O Lyceu foi a base da cultura e da educação na Paraíba”, revelou a professora Alaíde, para quem a escola era considerada a faculdade da Paraíba. Outro nome de destaque foi Manoel Cavalcante de Sousa, professor de filosofia, que também dirigiu o Lyceu.

FOI UM TEMPO DE DESCOBERTAS

Elba Ramalho

Olá, é um prazer ser parte dessa história.

Não lembro de muitos detalhes do meu tempo de Lyceu, como nome dos professores e todos os colegas, pois minha memória não é das melhores para essas coisas. Mas lembro da escola em si, seus espaços largos, as aulas de ginástica que adorava fazer e, principalmente, o auditório da escola, onde ensaiava com a banda “The golden girls”.

Este foi um tempo de descobertas, de sensações e sentimentos profundos que jamais serão apagados de nós. Fiquei poucos anos, mas amava a cidade e a escola, os namoricos e a eficiência da educação que recebia.

Todo bem e paz! Elba Ramalho.

PS: Espero que este simples depoimento atenda os vossos desejos. Estarei sempre às ordens. Com amor, Elba Ramalho

UMA HISTÓRIA DE VÁRIAS GERAÇÕES

Maria Ângela Sitônio Wanderley, ex-aluna

Cheguei ao Lyceu Paraibano quando adolescente. Saindo de colégios de freiras, fui tomada de espanto com o mundo que se descortinava à minha frente. Vivi o deslumbramento das aulas de grandes mestres; a surpresa do cuidado de dona Daura que, em seu jipão, abordava na rua candidatos a gazeteiros e, enquanto corrigia provas, fiscalizava os assustados das noites dos sábados e os ensaios da quadrilha junina nas manhãs dos domingos; a revelação da militância política do Diretório Estudantil; a avidez das novas leituras; a magia do Cineclube Charles Chaplin; a fascinação pela bossa nova; a paixão dos debates; o mergulho na literatura e na filosofia; o encantamento dos primeiros namoros; a satisfação das novas amizades, algumas das quais persistem até hoje; o medo do golpe militar, noticiado na escadaria de entrada do colégio, e o temor dos rumos do novo regime. Saí do Lyceu para a vizinha FAFI, que também foi fundamental na história de minha geração.

Para expressar o sentimento desse que foi um momento especial na minha vida, peço de empréstimo as palavras do poeta Thiago de Mello para dizer que o Lyceu, tendo sido muito importante na minha formação intelectual, permanece em mim “com tudo que ele tem de primavera de valente esperança e rebeldia.”

BREVE MEMÓRIA DO LYCEU

(BIU RAMOS)

Sempre gostei de lembrar que duas grandes emoções me marcaram nessa já longa jornada que me levou a percorrer caminhos íngremes e estradas luminosas, pontilhada de abismos e ascensões, mais ascensões do que abismos. A primeira foi quando subi as escadarias do Liceu Paraibano, para iniciar o curso ginásial, munido de uma credencial poderosa, que foi minha aprovação num rigoroso exame de seleção, equivalente sem exagero a uma prova de vestibular dos dias de hoje.

Tinha deixado a Escola Industrial de João Pessoa, atualmente Instituto Federal de Ensino Tecnológico, por absoluta falta de opção por um curso compatível com a minha vocação, minhas aptidões e os meus desejos. Da Escola, fui para o Ginásio Solon de Lucena, onde demorei pouco, porque não tinha como pagar as mensalidades. A única solução era ingressar no Liceu, que oferecia ensino gratuito e da melhor qualidade, e exibia um quadro de professores altamente qualificados, todos eles absorvidos pela Universidade da Paraíba, desde a sua criação. O Liceu, em si, já era uma universidade. Isso nos idos de 1956.

Desses tempos, guardo recordações desvanecedoras, de colegas com quem convivi e da intensa militância na política estudantil, que, de certo modo, me fez abandonar os estudos em consequência de um congresso promovido pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, quando fui eleito secretário-geral da entidade, obrigando-me a permanecer no Rio de Janeiro durante dois anos

consecutivos. Um dos principais líderes estudantis da época era Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, que também estudava no Liceu e já deixava aflorar a sua incoercível vocação de liderança, elegendo-se presidente da Associação dos Estudantes Secundaristas da Paraíba - AESP, tendo como companheiros de diretoria, entre outros, José Martinho Lisboa, hoje desembargador aposentado, que foi quem presidiu a nossa delegação ao Congresso da UBES, destacando-se pela habilidade e discernimento.

Depois de cumprido o mandato, retornei a João Pessoa, mas com a determinação de me firmar no jornalismo, procurando concretizar uma vocação nata, à qual consagraria toda a minha vida, desde que ingressei como foca no Correio da Paraíba, nos idos de 1954.

Com o tempo, a minha memória do Liceu foi se desvanecendo, em virtude da passagem fugaz pelas suas salas, que durou menos de dois anos, e pela gama de episódios e acontecimentos que foram se acumulando ao longo de minha trepidante trajetória pelas redações de todos os jornais, estações de rádio e emissoras de TV de João Pessoa. Entre os personagens que nunca se diluíram de minhas lembranças Daura Santiago Rangel, que não me fez perder o medo – verdadeiro pânico – da matemática, mas me marcou como uma educadora excepcional, e uma mulher de raras qualidades morais e espirituais. A simples convivência com ela em sala de aula teve grande influência na formação do meu caráter.

Outros nomes que ficaram foram os de Gibson Maul de Andrade, seu diretor numa crise episódica, mas que não possuía maturidade, experiência e humildade para o exercício do difícil mister. José Maria Gomes, que eu já conhecia do Solon de Lucena, e que veio a ser um dos

diretores mais eficientes do Liceu Paraibano, pelo seu caráter e rigor de suas atitudes e decisões. Ocorre-me também os nomes dos professores Manuel Cavalcanti, Milton Delone, com suas gravatas extravagantes, e de Dilermano Luna, uma das inteligências mais cintilantes com quem convivi, tanto no Liceu como nas rodas intelectuais de João Pessoa, onde pontificava como um raro exemplo de erudição e sólida formação acadêmica.

A outra grande emoção de minha vida foi quando adentrei, pela primeira vez, os salões majestosos do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, em companhia de Celso Furtado, então ministro da Cultura de José Sarney. Eu era secretário da Cultura do governo de Tarcísio Burity, em 1986, e fui acompanhar a assinatura de um convênio com o governo espanhol para a restauração do Centro Histórico de João Pessoa. Coisa que pouca gente sabe ou, se sabe, faz questão de não lembrar.

Mas isto é outra história.

O importante é que emoções eu vivi.

O LICEU PARAIBANO NO TÚNEL DO TEMPO (1951/57)

José Octávio*

Visto à distância, o Liceu Paraibano, onde estudei, cursando os ginásio e clássico, de 1951 a 57, assemelha-se a um túnel – o túnel do tempo.

Atravessando-o, nele ingressei guri, aprovado em disputado exame de admissão, e saí homem feito ou quase isso, sete anos depois. Esse conduto foi também o da cidade, que se deslocou do centro para a praia, pela porta do Jardim Miramar, instalado entre 1949 e 50, e da sociedade pessoense, que transitou do patriarcalismo das elites agrárias para a classe média dos estamentos urbanos.

Várias entidades, como os institutos de previdência, dominantes no período, colocaram-se a serviço dessa transição e o Liceu – rebatizado Colégio Estadual de João Pessoa, devido a seu homônimo de Campina Grande, em 1953 – foi uma delas.

Não era, como se tem propalado, estabelecimento de pobres, mas de classe média – média-média, e, sobretudo, média-baixa. O povão dos bairros desasnava nos grupos escolares e ficava por aí mesmo. Já as elites patrimoniais valiam-se do Diocesano Pio X – que rivalizava com o Liceu nos desfiles escolares e jogos estudantis – e Colégios Lurdinas e Nossa Senhora das Neves, estes reservados às moças.

O excelente livro de Jean Blondel – *As Condições da Vida Política do Estado da Paraíba* (1957,94) – delineia a cidade

de João Pessoa e Estado da Paraíba da época, sendo este de natureza algodoeiro-pecuária e açucareira. Os bairros da primeira compreendiam o Centro – Varadouro (Comércio), Tambiá, Trincheiras, Montepio, Roggers e Cordão Encarnado – Jaguaribe, Torre/Santa Júlia, e os arrabaldes da Ilha do Bispo, Varjão, Cruz das Armas, Oitizeiro e Mandacarú. Os distritos intitulavam-se Gramame, Vila do Conde, Alhandra, Pitimbu, Acaú e Cabedelo a que se incorporava a aglomeração de Tambaú.

Tanto quanto me parece, o grosso do alunado do Liceu provinha da rua da República e adjacências do Varadouro, Roggers, Jaguaribe e entrada da Torre. Isso nos turnos da manhã, onde estudavam os mais jovens, e tarde, reservada às moças. A composição social da noite mudava porque, como os Pio X e Lurdinas retardaram o colegial, as classes média-média e média alta valiam-se do Liceu. A saída deste convertia-se em verdadeiro espetáculo, principalmente à tardinha, animando o footing da Lagoa.

Como pelo início dos anos cinquenta, a cidade só dispunha de uma escola de ensino superior – a Faculdade de Ciências Econômicas que prolongava a antiga Academia de Comércio – o corpo docente do Liceu – anos depois recrutado pela Universidade – era de primeira ordem. Para tanto contribuía seu reduzido número – o Liceu não era colégio de massas – e os vencimentos, equivalentes a promotor de terceira entrância.

Tem-se ressaltado a qualidade dos docentes, o que era um fato, mas a identificação dos programas com a realidade era pequena. Tal se devia à estria clerical dos mestres escolas, o que José Rafael de Menezes situou com exatidão em *História do Lyceu Paraibano* (1983). Vinculados à chamada Igreja tridentina, esses professores seguiam

os antigos padrões de ensino – tradicionalistas e luso-coimbrãos – com forte acento lusitano, em literatura, europeísta em Geografia e História e classicistas em línguas estrangeiras.

Quando do suicídio de Vargas, em 1954, o lente de Latim cimentou que tínhamos sorte porque a prova estava adiada. Esse não foi o caso da turma vizinha onde o professor de História – famoso pelas aberturas de espírito – pôs-se a explicar a tragédia.

Tal nos remete à dicotomia existente na docência entre clericalistas e livres-pensadores, geralmente liberal-maçônicos. A distinção deve ser encarada com cuidado porque o mais maçônico, de Canto Orfeônico, era profundamente reacionário. Ainda assim, enquanto a ala clerical alinhava bom número de padres e solteironas vinculadas à Igreja, os liberais-maçônicos pontificavam com Aníbal Moura, Aurélio Albuquerque, Francisco Pacote, Manoel Coutinho, Afonso Pereira, Severino Pimentel, Diógenes Setti Sobreira, Oswaldo Miranda, e, principalmente Olívio Pinto, esquerdizante. Estes eram os de minha predileção.

O choque entre os dois grupos sobreveio em 1953, no enquadramento procedido pelo Governo José Américo. Com o ultramontanismo em declínio, seus oponentes predominaram nas listas, o que levou nossa professora de Francês – ex-noviça, casada com ex-seminarista – a protestar, ruidosamente, em classe.

Entrosado com os treze cinemas da cidade, clubes (Cabo Branco, Astréa, Voluntárias, AABB), campeonatos de futebol do campo do Cabo Branco e programas de auditório da Rádio Tabajara, o Liceu assemelhava-se a um centro cultural. Essa a razão por que seu auditório,

dotado de púlpito e piano de cauda, abrigava peças de teatro, sessões de música, orfeões, concursos de oratória e conferências. Destas, as mais famosas foram as proferidas por Carlos Lacerda, em 1951, Joracy Camargo, em 1953, e Tristão de Athayde, em 1955. Quando desta última, eu já cursava o primeiro clássico, mas nossos professores não nos orientaram a comparecer. Como resultado, nunca conheci, pessoalmente, ao doutor Alceu.

Tanto quanto a sirene da fábrica Matarazzo, na Ilha do Bispo, o relógio do Liceu roteirizava a vida da cidade. Ele também marcava nossas aulas, das 7h às 11h40 pela manhã, 13h às 17h45, à tarde, e das 18h20 às 22h10, pela noite. As da manhã e tarde tinham duração de cinquenta minutos, mas as da noite só quarenta. Internamente nos regíamos por um sino, tocado com precisão britânica. Ele ficava junto ao gabinete do dentista, que se chamava dr. Álvaro, mas nunca aprendi seu sobrenome. Como trazia na bata as iniciais A.O., a gente o tachava de Amigo da Onça, personagem humorístico do chargista Péricles, da revista O Cruzeiro.

Sem ainda os prédios do Instituto de Educação (1955) e Faculdade de Filosofia (1956), a praça de esportes era enorme e albergava sessões de ginástica, competições de atletismo e jogos de futebol, vôlei e basquete, além da habitual pelada, disputada com bola de borracha ou macaíba. A educação física tinha feição conservadora e buscava a eugenia da raça, no esquema do Estado Novo de Vargas. Nosso acesso a suas sessões era assegurado através dos exames biométricos realizados pelo médico Giacomo Zaccara, integralista, fomentador do esporte operário e colegial. O exame limitava-se à batida de um martelinho no joelho de cada aluno.

Entrosado com a comunidade, o Liceu abrigava outros serviços como o FISI, que assegurava leite gratuito, às nove horas da manhã, no esquema da UNICEF, e o laboratório de meteorologia, que funcionava na parte superior do edifício. Diariamente, o diretor Orlando Vasconcelos ia lá testar os aparelhos. Ainda alcancei a farda completa de cáqui, paletó e gravata, costurada pela Alfaiataria Grisi, mas esse modelo foi extinto em 1953 para predominância dos eslaques, bem mais baratos. O governador José Américo responsabilizou-se pela mudança.

A politização era débil. Apesar dos esforços de líderes como o ex- prefeito de Santa Rita, Marcos Odilon Ribeiro Coutinho, egresso da Escola Comercial Underwood, de dona Osmarina Carvalho, as entidades classistas revelavam atuação específica. Tanto a Vanguarda Estudantil da Paraíba (VEP), de Márcio Airton, como a União Estadual dos Estudantes da Paraíba (UEPB), dos irmãos Rabay, incentivavam os chamados esportes de salão – ping-pong, botão e xadrez – e apresentavam reivindicações corporativas ligadas a abatimentos nos transportes coletivos, cinema e circos, estes com espetáculos regulares na Lagoa.

Os estudantes do Liceu valiam-se muito da Biblioteca Pública, com estoque de livros bem melhor que a do colégio. Isso também se verificava, em face da proximidade da Biblioteca da General Osório da Casa do Estudante que, localizada na rua da Areia, acolhia os estudantes do interior. A quase totalidade estudava no Liceu. De 1955 em diante, eles organizaram a Festa da Mocidade, na patê da Lagoa, oposta ao cassino. Lá se exibiam artistas de fora e da terra, como o mulato Zacarias, o Zaca, cantador de emboladas.

O apoliticismo estudantil favorecia a direita que chegou a dispor de base de massas no Liceu. Eram os aguias-

brancas do integralismo tupiniquim cuja bandeira exaltava nacionalismo tipo verdeamarelista. Posteriormente, acompanhando o plano nacional, esse verdeamarelismo guinaria para a esquerda, mas, aí, já nos encontrávamos nos anos sessenta.

Estudar no Liceu dos anos cinquenta assegurava status e as estrelas do curso colegial, bem como as fitas do ginásio, eram ostentadas com orgulho. Essa a razão pela qual as principais manifestações cívicas e religiosas do período contavam sempre com contingentes do estabelecimento da avenida Getúlio Vargas.

*José Octávio de Arruda Mello, historiador de ofício, integrante dos IHGP e APL, colaborador de A União, editor de Revista do UNIPÊ. Autor de História da Paraíba – Lutas e Resistência (2ª impressão da 10ª ed., 2007).

SAUDOSOS MESTRES DO LICEU

Carlos Pereira

Todos os anos, no início de mais um ano letivo no Liceu, é tempo de recordar que quando ali ingressei em 1951, depois de repetir o Exame de Admissão (que parecia o atual Vestibular), dei de frente com professores que, pelo nome, conhecimentos e estatura moral, eram verdadeiros mestres.

Começo por Dona Daura Santiago Rangel, a extraordinária educadora, cujo nome reverencio e enalteço todas as vezes que lembro a sua imagem – austera, serena, determinada, competente e às vezes até maternal. Já me dei conta da importância que Celestin Malzac e Juvenal Coelho tiveram no meu aprendizado de Francês e Latim e também já fiz alusões (e não poderia ser diferente) às lições de Português que recebi da professora Argentina Pereira Gomes e do professor Milton Delone.

Estas linhas de agora as dedico aos professores que, no velho Liceu, me colocaram nos caminhos da História e me passaram as descobertas que a gente encontra na Geografia.

Naquele tempo, nos dois primeiros anos se estudava História Geral com o grande professor Aníbal Victor de Lima e Moura. Nos dois últimos anos, a História passava a ser a do Brasil e entrava o seu filho Francisco Hugo de Lima e Moura.

Em termos de Geografia, também havia a divisão: Nos dois primeiros anos, o professor Hermano de Oliveira Lima nos falava dos continentes, dos mares, dos rios,

dos montes, do clima e, sobretudo, da gente que habitava o planeta Terra. Na terceira e quarta série ginasial era o professor Aurélio de Albuquerque que nos colocava frente a frente com as riquezas do Brasil, levando-nos da Amazônia às missões do Rio Grande do Sul, falando dos problemas do Nordeste causados pela seca, das diferenças entre estados brasileiros em função da influência de gente que veio de outros países – italianos e alemães no sul, japoneses em São Paulo e Paraná e africanos na Bahia.

Aníbal Moura, Hugo Moura, Hermano de Oliveira Lima e Aurélio de Albuquerque – a eles sou imensamente grato pelo que me ensinaram e pelo que consegui aprender. Ainda hoje, lembro das dissertações que o professor Aníbal - bem sentado na cadeira de mestre sobre o estrado que o tornava mais imponente - fazia da História do mundo, das quais ficaram na memória as guerras dos antigos: guerra dos cem anos, guerra do Peloponeso, guerras médicas, guerras púnicas e vai por aí. Eu ficava embevecido quando ele, de cátedra (na acepção do termo) discorria sobre o Império Romano e os tempos dos Césares, cujos nomes terminei decorando para sempre – como se fosse quase um time de futebol: Júlio César, Augusto e Tibério; Cláudio, Calígula e Nero; Vaspasiano, Tito e Domiciano. Sem me esquecer da antológica descrição sobre as Cruzadas – um dos meus temas preferidos.

A esses mestres e tantos outros que ajudaram a construir a gloriosa trajetória do velho Liceu Paraibano, ofereço com afeto esta crônica e os homenageio com os meus mais escolhidos votos de agradecimento.

E de incontida saudade...

A LUZ DA MUDANÇA

Walter Santos

Como muitos jovens de origem humilde optei pelo Lyceu Paraibano por vários fatores – sua fama de ensino bom, a lista de renomados egressos de seus bancos, sobretudo o caráter de ensino público gratuito.

No final dos anos 70, já não havia o ápice de antes, pelo menos na condição maiúscula frente às escolas de origem religiosa, mas estudar no Lyceu sempre significou deferência.

Os primeiros passos foram dados inicialmente pela manhã, sob o zelo dirigente do professor Luiz Mendes – educador que fez história a partir do Colégio Santa Julia, no bairro da Torre, pontificando-o como uma das referências do ensino público basilar. Depois, a necessidade de estudar/trabalhar me fez concluir o então Científico no turno da noite.

Já não haviam canhões sobre as ruas, ainda assim o tempo era de agonia social em busca da redemocratização construindo nos bancos escolares uma consciência de que precisávamos construir e voltar a ter um País sem amarras da asfixia ditatorial.

Fora desse ângulo, o Lyceu se vestia pedagogicamente como podia, sem a dureza da época da famosa professora Daura, mas ajustando-se às normas advindas da ‘noite escura’ – como se deu na grade curricular das Universidades Federais acabando com a blocagem e passando ao regime seriado quebrando o elo das turmas, que se formavam sem o vínculo de relacionamento comum no sistema anterior.

Fervilhava, lembro bem, um envolvimento artístico cultural intenso com a professora Dalvanira Gadelha construindo o primeiro diálogo que vi de um grupo de jovens ter com a cena estrangeira – numa viagem memorável à Alemanha com o Xaxado da Paraíba.

É por esse tempo, mais ou menos, que me aproximei da cultura vendo Dida Fialho encantar a todos com o Ave Viola, ao lado de Firmino (percussionista de Alceu, MPB-4, Elba etc), Paulo, Gil e Carlinhos apresentando “Anjo Branco” – canção até hoje sem sair do quengo de gente como Humberto e Livardo Alves.

O Lyceu que perdura dentro de meu inconsciente traduz essa silhueta transformada em condão a servir de prumo e rumo na vida de muitos brasileiros, nascidos ou não na cidade de João Pessoa.

A esta altura do campeonato já não sei como mas preciso sempre agradecer aos grandes mestres, a exemplo do professor Fernando Maribondo e sua densa cultura sobre latim, professor Gilvandro, mestre da matemática, Adelmir (Química), Artur Moura e tantos por sinal.

Só sei que, devo boa parte do que acumulo como conhecimento à fase especial da vida enquanto aluno do Lyceu – abrigo da sabedoria paraibana.

LYCEU CONQUISTA FAMÍLIAS ESTRANGEIRAS

De 1930 a 1950, os estrangeiros que vieram morar na Parahyba matriculavam seus filhos no Lyceu. Alguns se tornavam professores de línguas e ciências como os Kauffman, os Von Sohsten.

As famílias italianas Di Lascio, Zacarra, Maglianos, Gioya, e Grizzi, também se integraram à sociedade paraibana a partir da comunidade lyceana.

Os anos passam e nasce na década de 50 a Universidade Federal da Paraíba, com José Américo de Almeida, que assumiu a Reitoria na Faculdade de Filosofia que funcionava em uma dependência do Lyceu Parahybano, a matriz intelectual formadora de humanistas.

Na década de 60, o Colégio Estadual (Lyceu) recebeu o Instituto de Educação (IEP). A professora Daura Santiago Rangel assumiu a direção das duas escolas de nível secundário oficial.

ALGUNS LYCEANOS QUE SE TORNARAM GOVERNADORES DA PARAÍBA

O campinense Argemiro de Figueiredo, nascido em 1901, ingressou no Lyceu Parahybano nos idos de 1916 e entrou para a história do educandário quando construiu em seu Governo e inaugurou o atual prédio da mais tradicional escola pública da Paraíba. A inauguração aconteceu em 1937. Há 82 anos, o Lyceu tem sede própria à avenida Getúlio Vargas, centro da capital. Argemiro também criou a Rádio Tabajara, emissora do Governo do Estado, urbanizou o Parque Solon de Lucena e o Serviço de Água e Esgoto de Campina Grande.

Também foram alunos do Lyceu os jovens Ernani Sátiro, Ruy Carneiro, José Américo de Almeida, Antonio Mariz, João Agripino, dentre outros, que mais tarde assumiriam o cargo de governador da Paraíba.

João Pessoa nasceu em Umbuzeiro, em 1878. Estudou em escola municipal na cidade de Guarabira e chegou ao Lyceu em 1890. Assumiu o Governo em 1928 e foi assassinado no Recife, aos 30 de julho de 1930.

Ernani Sátiro nasceu em Patos, no dia 11 de setembro de 1911. Na década de 20, estudou no Colégio Pio X e, posteriormente, transferiu-se para o Lyceu, onde concluiu o curso preparatório. Formou-se em Direito no Recife. Assumiu o Governo da Paraíba em 15 de março de 1971. A sede do jornal A União, o Centro Administrativo Estadual, a Assembleia Legislativa são algumas obras construídas na sua administração.

Nascido em Pombal, Ruy Carneiro assumiu o Governo da Paraíba em 1940, nomeado pelo presidente Getúlio Vargas. Ruy foi aluno do Lyceu no final dos anos 1920, quando era repórter do jornal Correio da Manhã, adquirido por seu pai.

Antonio Mariz foi eleito prefeito da cidade de Sousa em 1963. Em 1994, venceu as eleições para governador da Paraíba, mas não conseguiu concluir seu mandato. Faleceu aos 16 de setembro de 1995. Mariz ingressou no Lyceu no ano de 1953 para cursar a primeira série do Científico.



LYCEU PARAHYBANO: O BERÇO DA CULTURA, DO JORNALISMO E DA INTELECTUALIDADE NA PARAÍBA

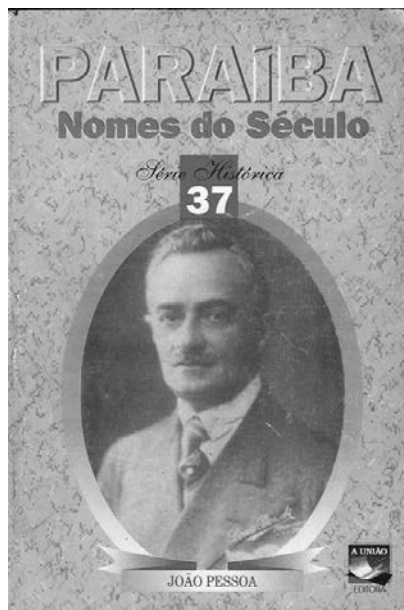
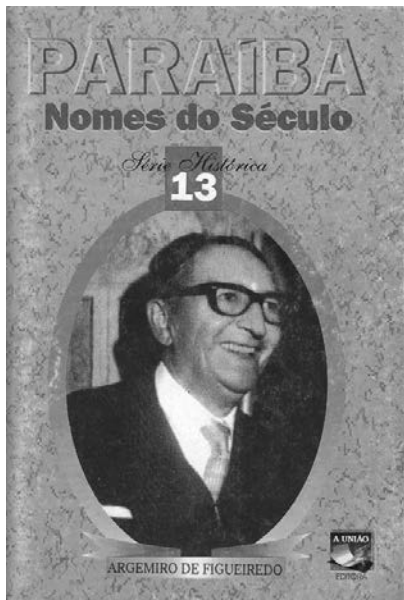
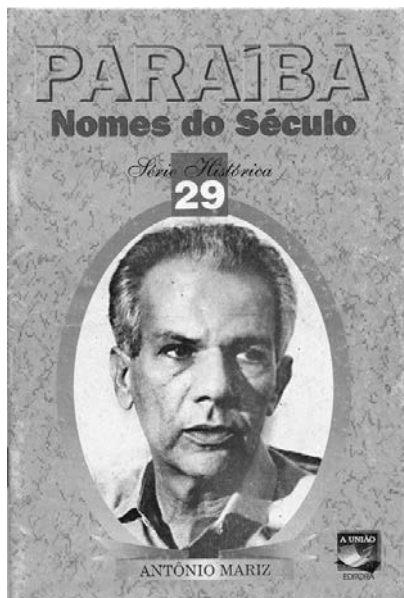
Neste capítulo nós citamos alguns tópicos do livro “História do Lyceu Parahybano”, de autoria do professor da UFPB, José Rafael de Menezes. O Lyceu era um Colégio de Humanidades, onde padres-mestres concentravam os ensinamentos no Latim e na Filosofia.

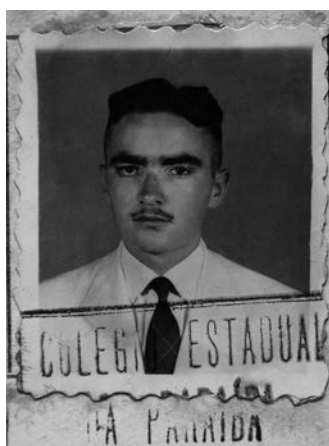
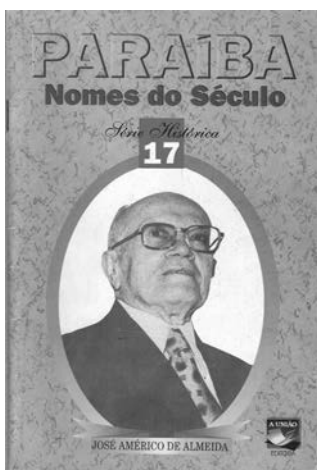
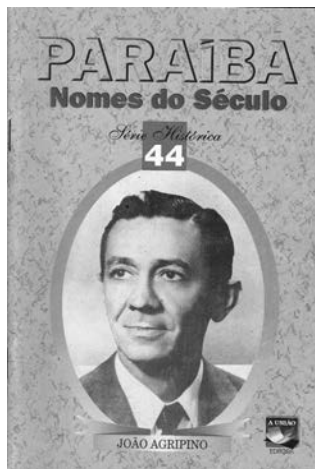
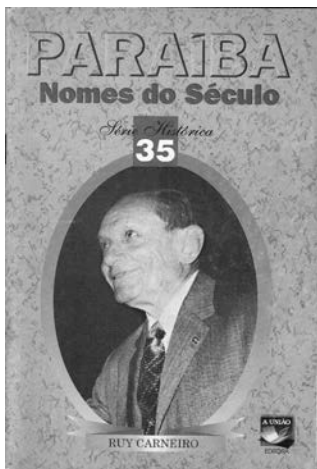
Nos gloriosos anos, muito mais que nos dias atuais, ser aluno da mais tradicional e mais conceituada escola pública da Paraíba era uma honra. O colégio foi por mais de um século a ‘matriz intelectual’ da Paraíba, na expressão do professor da UFPB José Rafael de Menezes, que publicou a obra em 1983.

No Lyceu surgiram líderes estudantis que se tornariam grandes homens públicos da Paraíba. O economista Celso Furtado, o presidente João Pessoa, o ambientalista Lauro Pires Xavier e o poeta Augusto dos Anjos são notáveis nomes do Lyceu Parahybano.



Antônio Mariz





Wilson Braga



Celso Furtado foi o mais fecundo, o mais internacional dos paraibanos, um cidadão do mundo. Sua obra no campo da economia muito contribuiu e contribuirá ainda para melhor entendermos a política socioeconômica na América Latina e em outras partes do mundo.

NA ADMINISTRAÇÃO DO LYCEU E DO ESTADO

Em épocas passadas, no império e na República Velha, praticamente todos os homens públicos na Parahyba marcaram presença no Lyceu Parahybano, seja como alunos, professores, ou diretores. Alguns se tornariam presidentes do Estado, o primeiro deles foi Antonio Alfredo da Gama e Melo, que governou a Parahyba de 1896 a 1900.

Gama e Melo foi deputado estadual e federal em várias legislaturas, e depois senador. Antes, na condição de vice, em 1880, foi presidente em exercício da Província.

SOLON BARBOSA DE LUCENA

Solon Barbosa de Lucena foi diretor do Lyceu por mais de uma vez, bem como presidente da Parahyba em dois períodos (em 1916, por quatro meses, na condição de presidente da Assembléia Legislativa, e de 1920 a 1924, como titular). Teve como auxiliares no Lyceu Alcides Bezerra e Lindolpho Correia Neves.

ÁLVARO DE CARVALHO

Álvaro de Carvalho, que também dirigiu o colégio oficial, governou o Estado entre 26 de julho e 4 de outubro de 1930. Era o vice do presidente João Pessoa, assassinado

no Recife naquele 26 de julho. Álvaro de Carvalho foi liderança intelectual no Lyceu como professor de Línguas, crítico literário, ensaísta. Ainda atuou como animador cultural no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e na Academia Paraibana de Letras.

No dia seguinte ao transmitir o cargo de presidente para o interventor José Américo de Almeida, outro paraibano que estudou no Lyceu, Álvaro de Carvalho chega a pé e reassume sua cadeira na escola oficial.

OUTROS LYCEANOS NO GOVERNO DA PARAHYBA

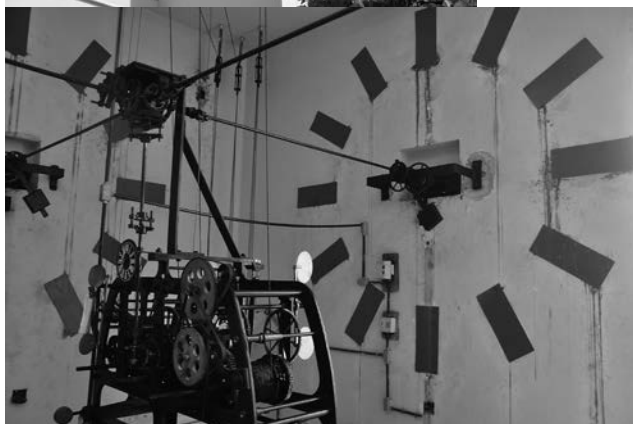
Também frequentaram o Lyceu como alunos ou professores e tempos depois governaram a Parayba: Álvaro Lopes Machado (1904 a 1905); Monsenhor *Walfredo* Soares dos Santos *Leal* (1905 a 1908); João Pereira de *Castro Pinto* (1912 a 1915); João Agripino Filho (1966 a 1971); Ernani Ayres Sátyro e Souza (1971 a 1975); Dorgival Terceiro Neto (1978 a 1979); Tarcísio de Miranda Burity (dois governos: 1979 a 1982 e 1987 a 1991); Wilson Leite Braga (1983 a 1986); Cícero de Lucena Filho (1994 a 1995).

OUTROS ALUNOS

Ainda ocuparam os bancos das salas de aula do Lyceu jovens de várias outras gerações: João Rodrigues *Coriolano de Medeiros*, que faleceu em 1975, foi um dos grandes intelectuais paraibanos. Estudou no Lyceu nos idos de 1890. Irineu Ferreira Pinto, o fundador do IHGP e profundo conhecedor da história do Lyceu, foi um dos nomes mais atuantes da escola símbolo da Parahyba.

Em diferentes épocas estudaram no Lyceu: Linduarte Noronha, (professor e cineasta, autor do famoso filme

Aruanda); Martinho Moreira Franco, Gonzaga Rodrigues, Deodato Borges, Sílvio Osias; o cantor e compositor Geraldo Vandré, Eitel Santiago, (ex-secretário da Segurança e Defesa Social), seu pai, escritor e ex-deputado federal Joacil Pereira de Brito, o irmão de Joacil, Joás Pereira de Brito, os desembargadores Wilson Pessoa da Cunha, José Martinho Lisboa, além de Ramalho Leite, Dida Fialho, Chico Pinto, dentre outros nomes com projeção no passado e no presente, nos mais diversos campos.



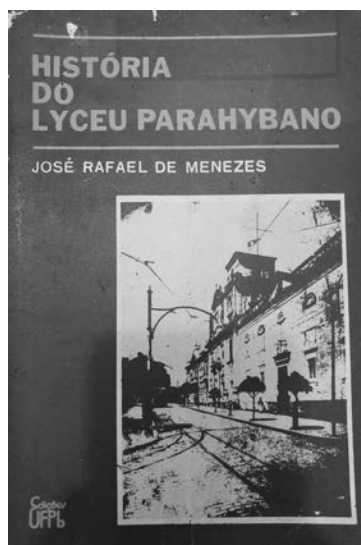
O ‘motor’ do relógio do Lyceu em foto de Kleide Teixeira

A ORIGEM DO LYCEU PARAHYBANO

Vale situar o leitor sobre a história do Lyceu. Reproduzimos aqui tópicos da obra de José Rafael de Menezes. Foi através do padre-mestre José Antonio da Silva Lopes, que o Conselho Geral da Província tomou conhecimento aos 19 de dezembro de 1832 de um projeto criando o Lyceu Parahybano. Uma dezena de padres-mestres foi responsável pela evolução administrativa da escola, que começou com o padre João do

Rego Moura e perdurou até o Monsenhor Odilon Coutinho. A escola foi criada em plena Monarquia pela Lei nº 11, de 24 de março de 1836, sancionada pelo vice-presidente da Província, Manoel Maria Carneiro da Cunha, a partir de decreto da Assembleia Provincial da Parahyba do Norte. Vejamos o que diz o Art. 1º da Lei, com grafia da época:

“Fica criado nesta cidade um Lycêo, que será composto dos professores das cadeiras de Latim, Francez, Rhetorica, Philosophia, e primeiro anno de Mathematica, já creadas na mesma cidade, de dous substitutos, um para estas duas ultimas cadeiras, e outra para as tre primeiras, e finalmente de um porteiro. Define o mesmo decreto que “O Lycêo será collocado no 1º andar do edifício, em que presentemente se reúne a Assembléia Legislativa Provincial”.



VISITA DO IMPERADOR DOM PEDRO II E DO POETA GONÇALVES DIAS

Em 1852, o poeta maranhense, Gonçalves Dias, à época com 29 anos, por determinação do imperador Dom Pedro II, percorre o Norte do País, inspecionando escolas, primeiramente os Lyceus. O poeta, na condição de inspetor imperial, avaliou o estado da instrução nas Províncias do Norte. Sobre o Lyceu Parahybano ele cita que a escola está entre as três primeiras do Norte, ao nível do Pará, Ceará e Maranhão, e superado por Bahia e Pernambuco.

No ano de 1859, o Imperador Dom Pedro II, ao passar pela Província, visitou o Lyceu. Um dia antes havia visitado a cidade de Mamanguape, onde pernoitou em um casarão, hoje Memorial do Imperador. Dom Pedro e sua comitiva viajaram catorze léguas de Mamanguape à capital, numa viagem de 10 horas, a cavalo.

O LYCEU CONQUISTA OS EXAMES PREPARATÓRIOS

No ano de 1873, trinta e sete anos após sua criação, o Lyceu passa a ter exames válidos para os cursos superiores do país, privilégio estabelecido pelo decreto imperial nº 5.429, de 2 de outubro daquele ano.

Com a validação dos exames preparatórios, o Lyceu passa a receber alunos dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Pernambuco. Os exames preparatórios sempre foram rigorosos. Para se ter uma ideia, entre 1894 e 1907, apenas dois alunos concluíram o curso no Lyceu.

Em 1892, o Governo realiza modificações curriculares.

As cadeiras de Rethorica e Philosophia são substituídas por Physica e Biologia.

O presidente da Paraíba, Álvaro Lopes Machado, em 1895, organiza os gabinetes de Phisica e Chimica, com equipamentos importados da Europa.

AS MESMAS VANTAGENS DO GYMNASIO NACIONAL

Em 1896, o presidente da República Prudente José de Moraes Barros publicou o Decreto nº 2301, de 1 de julho, concedendo ao Lyceu Parahybano as vantagens de que goza o Gymnasio Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, (Colégio Pedro II). Vejamos o teor do Decreto, com grafia da época:

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, attendendo as informações prestadas pelo comissário fiscal do Governo sobre os programas do ensino e modo porque são executados no Lyceu Parahybano, reorganizado de acordo com o Regulamento annexo ao decreto nº 1652 de 15 de janeiro de 1894 pelo decreto estadual nº 79 de 8 de julho ultimo, resolve conceder àquelle estabelecimento de instrucção na forma do disposto do decreto nº 1389 de 21 de fevereiro de 1891, as vantagens de que goza o Gymnasio Nacional e de que tratam os artigos 431 do decreto nº 1232 H de 2 de janeiro de 1891 e 38, único do dec. Nº 891 de 8 de novembro de 1890.

Capital Federal, 1º de julho de 1896, 8º da República.

TÍTULO DE BACHAREL EM SCIENCIAS E LETTRAS E DIREITO À MATRÍCULA EM CURSO SUPERIOR

Nos primeiros anos da República, o decreto nº 68, de 28 de dezembro de 1895, determinava que o Lyceu Parahybano, “sob regime de externato gratuito, tem por fim ministrar o ensino publico secundario em curso de sete annos, equiparado ao Gymnasio Nacional, abrangendo as seguintes disciplinas: mathematica, astronomia, physica, chimica, historia natural, biologia, sociologia moral, geographia, historia universal, historia do Brasil, portuguez, francez, inglez, allemão, latim, grego, litteratura nacional, desenho, música, gynastica, evoluções militares e esgrima”.

De acordo com o decreto, a idade mínima para ingresso no Lyceu era de 12 anos. O ano letivo era de 1º de fevereiro a 31 de outubro. E prossegue o texto dos estatutos baseados no decreto: “Ao candidato que obtiver nos exames de madureza dois terços, pelo menos, de aprovações plenas, será conferido o título de **bacharel em sciencias e lettras** e terá direito à matrícula em qualquer dos cursos superiores da republica, que forem de caráter federal, conforme permite o parágrafo único do art. 38 do decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890, que organizou o gymnasio nacional. Os que tiverem sido aprovados em todas as matérias do curso integral, ainda que não tenham pelos actos de madureza, terão preferência para qualquer emprego publico do estado”.

CORPO DOCENTE DO LYCEU E DISCIPLINAS EM 1898

No ano de 1898, o corpo docente do Lyceu Parahybano tinha a seguinte composição:

Lentes Cathedraticos:

Latim – Francisco Xavier Júnior (Diretor)

Portuguez – Maximiano José de Inojosa Varejão

Francez – Francisco Alves de Lima Filho

Inglez – Antonio Thomaz Carneiro da Cunha

Alemão – Ernesto Emílio Kanffman

Grego – Cônego Sabino Coelho

Mathematica Elementar - João da Silva Porto

Geometria Geral, Cálculo e Geometria discriptiva -

Horácio Henrique da Silva

Mechanica e astronomia – Cônego Santino Maria da Silva Coutinho

Physica e chimica-pharmaceutica – José Francisco de Moura

Geographia – Thomaz de Aquino Mindello

Meteorologia, mineralogia e geologia – Odilon Fernandes de Carvalho

Biologia – Eugênio Toscano de Brito

Sociologia e moral – João Pereira de Castro Pinto

Historia universal – Gustavo Mariano Soares de Pinho

História do Brasil – Cícero Brasiliense de Moura

Litteratura nacional – Tito Henrique da Silva.

Desenho – Júlio Henrique da Silva

EM AMBIENTE DO LYCEU NASCE O IHGP

Em 1906, o ex-aluno do Lyceu, Irineu Ferreira Pinto, mesmo não sendo professor da escola oficial (ensinava em casa), convidou os mestres mais cultos e com eles fundou o Instituto Histórico e Geographico Parahybano, isto ocorrendo na sala de congregação do Lyceu. Entre os sócios-fundadores: Francisco Seraphico da Nóbrega, então presidente do Lyceu e primeiro presidente do IHGP, Manoel Tavares Cavalcanti, Francisco Xavier Júnior, João de Lyra Tavares, Antonio da Gama e Melo, Matheus de Oliveira, o coronel Francisco Moura, o funcionário Maximiano Lopes Machado e os padres Odilon e Santino Coutinho. O instituto funcionou por dois meses no próprio Lyceu.

LYCEU – CONTEMPORÂNEO DA IMPrensa PARAIBANA

Em “História do Lyceu Parahybano”, José Rafael de Menezes declara que “a imprensa paraibana é contemporânea do Lyceu”. De acordo com ele, o professor de Rethorica, no Lyceu, a partir de 1838, Felizardo Toscano de Brito, foi o verdadeiro fundador de uma imprensa regular e culturalmente densa.

Em cada jornal paraibano, reflexos do Lyceu, com professores ou alunos da escola oficial. O ex-aluno do Lyceu, Elvídio Caneiro da Cunha é talento no *Jornal da Parahyba, de 1862 a 1890*. Nas equipes de A Imprensa, O Liberal, dentre outras publicações da época, a presença de professores ou ex-alunos da escola oficial. No jornal

O Norte, no final do século XIX e começo do século XX, o ex-aluno lyceano Artur Achilles foi um grande nome no jornalismo paraibano.

Ao criar o jornal A União, em 1893, o presidente Álvaro Lopes Machado, nomeou o professor de Latim do Lyceu Tito Henrique da Silva como seu primeiro diretor. E os talentos dos jovens Álvaro de Carvalho, Mathias Freire, Manoel Tavares Cavalcanti, Alcides Bezerra (professores e estudantes) se firmaram como jornalistas no jornal do Governo a partir de 1913 e alguns deles dirigiram A União, depois de passarem pela direção do Lyceu.

A REVISTA LYCEUM

Conta-nos o professor José Rafael de Menezes em sua obra que, no Governo Castro Pinto (1912 a 1915), os estudantes do Lyceu, com o apoio do presidente da Parahyba, editaram a revista Lyceum, uma publicação mensal que teve curta duração. O editorial do segundo número assim se expressava: “esta revista é apenas um meio de que nos valem para a consecução de um fim superior como seja de, pelo exemplo, pela ação, pelo combate ao analfabetismo, pela divulgação de conhecimentos úteis, por uma espécie de *auto-reação* quebrarmos os moldes compressores da educação tradicional, ou melhor, reagirmos contra essa tendência morbidamente egotística do espírito nacional que faz do estômago a finalidade da vida e dos instintos inferiores o ponto de convergência dos esforços individuais nos infaustos dias que correm”.

UMA ESCOLA REFERÊNCIA

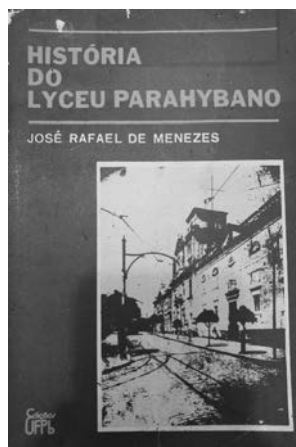
Na sua obra histórica que deveria ter nova edição, o professor José Rafael de Menezes destaca que os alunos do Lyceu recrutavam-se numa classe de cidadãos abonados, com os senhores de engenhos, os fazendeiros, os comerciantes e os funcionários públicos de categoria.

Era escola de muita referência naquela época com um nível até considerado de elite. De fato, com a grade curricular e o rigor dos exames, praticamente somente os jovens mais abonados conquistavam uma vaga no Lyceu porque tinham aulas com professores particulares, antes mesmo do ingresso no Lyceu.

Quanto aos professores, esses tinham capacidade intelectual, eram excelentes educadores. No passado, os professores do Lyceu eram médicos, jornalistas, farmacêuticos, filósofos, historiadores, advogados, dentre outros homens de letras. Era uma universidade provinciana, na expressão do autor de “História do Lyceu Parahybano”.

No início da década de 1900, as informações eram de que o velho prédio do Lyceu estava para cair. Como reflexo, em 1903, apenas três alunos foram matriculados. Aquele foi seu pior ano, dentre os anos de crise e de glória, que se alternaram desde sua fundação em 1836.

Na década de 1920, dois ex-alunos e que não foram professores do Lyceu, se destacavam: Irineu Pinto e Coriolano de Medeiros. Ambos eram líderes culturais,



responsáveis pela fundação de grêmios e revistas. Ensinavam em casa. Os anos de 1913 a 1936, foram os mais produtivos do Lyceu. Foram os anos gloriosos.

“Por meio século, o Lyceu foi a única instituição cultural capaz de reunir homens de estudos e líderes comunitários letrados, na *Província da Parahyba*. O que viria a se inaugurar em dimensão cultural teria de contar com o professorado *lyceano*, em seu ambiente colegiado; e os mandatários, como os altos funcionários do Império, recrutados entre os filhos da terra, estavam obrigatoriamente vinculados ao centro de ensino Secundário”, revela Rafael de Menezes. “A Directoria da Instrucção Pública, criada em 1844, passou trinta anos, como apêndice do *Lyceu*”.

Entre 1850 e 1929, a sociedade parahybana foi lyceana. Segundo o autor de “História do Lyceu Parahybano”, todas as lideranças administrativas ‘nasceram’ no Lyceu, a exemplo de Diogo Velho Cavalcanti, Felizardo Toscano, Elvídio Carneiro da Cunha, no período da monarquia e depois os republicanos como Cardoso Vieira. Todos na condição de professores ou alunos.

Na presidência do Estado (1912 a 1915), João Pereira de CASTRO PINTO reativa e qualifica pedagogicamente o Lyceu, com base na dimensão universitária. Castro Pinto nomeia para diretor Thomaz de Aquino Mindello. Na mensagem do presidente, em 1913, é visível a retomada para os ativos tempos culturais, em Letras, Ciências e Artes, incluindo a ação política, as ideologias, o pensamento revolucionário chegando à escola oficial. O Lyceu foi reformado e o material escolar adquirido em uma das melhores fábricas dos Estados Unidos.

A Escola Normal instalou-se em 1917 na Praça Comendador Felizardo, hoje Praça João Pessoa.

MENSAGENS DE PRESIDENTES SOBRE O LYCEU PARAHYBANO

Em primeiro de março de 1920, o presidente da Parahyba, Camilo de Holanda envia mensagem à Assembléia Legislativa do Estado. Na área educacional o foco era o Lyceu. A mensagem tratava de concurso público para professor da cadeira de physica e chimica. Concorrem Joaquim Correia de Sá e Benevides e José Gomes Coelho. O classificado e nomeado foi Sá e Benevides. Atuou como professor do Lyceu por 30 anos, com rigor e pontualidade.

Em sua mensagem ao Poder Legislativo, em 1921, o presidente Solon Barbosa de Lucena fala com otimismo sobre o Lyceu: “Com oitenta e nove annos de vida é aquelle instituto um dos focos máximos de nossa cultura e uma das mais notáveis affirmações da mentalidade parahybana”. E acrescenta Solon: “Delle tem sahido para a política, para a administração e para as câmaras, grande número de nossos homens representativos. Agora mesmo, tem o Lyceu fora do seu grêmio, seis professores, em vários ramos do serviço público”.

Mais adiante, o presidente Solon Barbosa de Lucena afirma que “sob o ponto de vista administrativo é (o Lyceu) uma repartição modelar, que honraria qualquer Estado da Federação”. E continua: “Nella se reflecte a energia, a orientação e, sobretudo o desprendimento do sr. dr. Thomas Midello, a quem deve o Estado, desde o Governo Castro Pinto, as remodelações por que houve de passar àquelle estabelecimento”.

OS GRÊMIOS ESTUDANTIS

Durante meio século (1880 a 1930), foram criados diversos grêmios estudantis, muitos deles pela comunidade lyceana. Sobre a fundação de um dos principais grêmios, o Grêmio Escolástico parahybano, o jornal *A União* publicou: “Fundou-se hontem, nesta capital, uma *sympatia* aggremação, entre os alumnos do Lyceu Parahybano, ‘cujos fins são; como ficam assente, difundir, por todos os meios possíveis, entre seus membros, o conhecimento das humanidades”.

OS 100 ANOS DO LYCEU PARAHYBANO

Entre 22 e 30 de março de 1936, houve modestas comemorações dos 100 anos do Lyceu. O Jornal *A União* publicou no dia 24 de março daquele ano o que disse o então diretor da escola Matheus de Oliveira, em ato comemorativo: “À margem da data tão cara aos que estimam e servem à Parahyba, rendemos neste momento, merecida homenagem aos docentes do Lyceu, que durante o largo período de cem annos illuminaram os espíritos de tantas gerações”.

Na mesma edição de *A União*, o professor de Ciências Naturais, Oscar de Castro, afirmou ser a história do Lyceu “um século de civilização na Parahyba”. Mais tarde, nos anos 40, Oscar de Castro seria o líder intelectual das grandes iniciativas daquela década.

REVISTAS

A comunidade lyceana também marcou presença nas revistas. Fundada em 1920 por um ex-lyceano, Sinésio Guimarães, a *Era Nova* foi a mais famosa revista daquela época tendo como colaboradores duas gerações de literatos surgidos no Lyceu: Álvaro de Carvalho, Castro Pinto, Mathias Freire, Alcides Bezerra, Manoel Tavares Cavalcanti, João da Matta Correa, e Abel da Silva.

Era Nova praticou uma política cultural de grande importância, com homens e mulheres intelectuais. O *Combate* e *Lyceum* também foram revistas vinculadas ao Lyceu, feitas por alunos, ex-alunos ou com a participação de professores.

O SERVIÇO MILITAR NO LYCEU

Um fato curioso é que na escola oficial instalou-se uma “Companhia de Guerra do Lyceu”. O presidente em exercício, Solon de Lucena, no ano de 1916 requisitou um instrutor do Exército e instituiu o serviço militar obrigatório para todos os alunos, que passaram a ter aulas de ginástica, evoluções militares e esgrima. E o Tiro de Guerra 165 glorioso desfilava e recebia aplausos em festas cívicas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- História do Lyceu Parhaybano, de José Rafael de Menezes – UFPB 1983
- Séria Histórica Paraíba – Nomes do Século – 2000 - A União – Superintendência de Imprensa e Editora
- Revista Celso aos 80, 2004 – Governo do Estado da Paraíba
- Revista 'João Pessoa – para sempre no coração da Paraíba – perfil de um líder' – 1997 – Governo do Estado, A União.
- Revista Memorial Augusto dos Anjos, Governo do Estado, A União – 2004

Site do Centro Internacional Celso Furtado www.centrocelsofurtado.org.br

Arquivo de fichas de ex-alunos do Lyceu Parahybano

Fotografias: Fichário de ex-alunos do Lyceu; João Francisco, José Lins Nascimento, Ernane Gomes, arquivo Zezita Matos, arquivo Secom-PB



Produzido nas oficinas gráficas

EPC - Empresa Paraibana de Comunicação / A UNIÃO Editora

Br 101 — KM 03 — Distrito Industrial — 58.082-010

João Pessoa — Paraíba — Brasil



Josélio Carneiro

é bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, jornalista do governo da Paraíba desde 1989, com passagens pela Rádio Tabajara, Secretaria de Comunicação Institucional, jornal A União. Atuou nas assessorias de imprensa da Polícia Militar, Aesa, Agevisa, Secretaria de Recursos Hídricos, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente, e Companhia Docas. Hoje é servidor efetivo da Secretaria da Administração Penitenciária e integra a equipe da assessoria de imprensa.

Josélio é autor dos livros **“Paraíba Governos em Cena”** e **“Relatos de um Repórter”**; além de ter organizado e publicado as coletâneas **“Tabajara a Rádio da Paraíba”** - Editora A União; **“A União Escola de Jornalismo”** - Editora A União; e **“Rádio Tabajara Patrimônio Cultural da Paraíba”** Gráfica JB.

Filho de João Maria de Araújo e Marina Carneiro, nasceu em Gurinhém em 1º de setembro de 1961. É casado com Maria Aparecida Campelo. Cindy e Ana Maria são as filhas do casal.

